

mais uma vez o judaísmo. O último julgamento tem a data de 20 de novembro de 1337. As atas do interrogatório, porém, não foram preservadas, e Duvernoy deixa supor claramente que ao que tudo indica o infeliz Baruch morreu sob tortura. Outra fonte menciona um certo Baruch, julgado pelo mesmo delito de pensamento e queimado na fogueira cerca de vinte anos depois. É difícil supor que se trate da mesma pessoa.

NOTA DO AUTOR

O conto sobre Baruch David Neumann é, na realidade, uma tradução do terceiro capítulo (*Confessio Baruc olim iudei modo baptizati et postmodum reversi ad iudaismum*) dos *Registros da Inquisição*, nos quais Jacques Fournier, futuro papa Benedito XII, anotou conscienciosamente e em detalhes as confissões e testemunhos prestados diante de seu tribunal. O manuscrito é conservado nos Fondi Latini da biblioteca do Vaticano, registrado sob o número 4030. Fiz alguns cortes sem importância no texto, sobretudo na parte onde se discute a Santa Trindade, o messianismo de Cristo, a realização da palavra das Leis e a refutação de certas afirmações do Antigo Testamento. A própria tradução baseia-se na versão francesa do monsenhor Jean Marie Vidal, antigo vigário da igreja São Luiz, em Roma, e na versão do exegeta católico, reverendo Ignacio von Döllinger, publicada em Munique em 1890. Dessa época para cá, esses textos, munidos de comentários eruditos e úteis, foram reeditados muitas vezes, a última, tanto quanto sei, em 1965. O original das atas mencionadas (“um belo manuscrito de pergaminho em caligrafia de escriba em duas colunas”) chega, portanto, ao leitor, como um eco triplo de uma voz longínqua, a voz

de Baruch, se incluímos sua voz na tradução, como um eco do pensamento de Javé.

A descoberta súbita e inesperada desse texto, que corresponde no tempo à feliz conclusão do trabalho sobre o conto *Um túmulo para Boris Davidovitch*, assumiu para mim o sentido de uma iluminação e de um milagre: as analogias com o mencionado conto são a tal ponto evidentes que considero a coincidência de motivos, datas e palavras como *la part de Dieu** na criação, senão como *la part du diable*.*

A persistência das convicções morais, o sangue derramado das vítimas, a semelhança dos nomes (Boris Davidovitch Novski e Baruch David Neumann), a coincidência das datas de prisão de Novski e Neumann (o mesmo dia do fatal mês de dezembro, a seis séculos de distância, 1330... 1930), tudo isso surgiu em minha consciência como uma metáfora ampliada da doutrina clássica sobre a evolução cíclica dos tempos: “Quem viu o presente viu tudo: o que ocorreu num passado recente e o que irá ocorrer no futuro”. (Marco Aurélio, *Meditações*, Livro VI, 37.) Em sua polêmica com os estóicos (e mais ainda com Nietzsche), J. L. Borges formula seus ensinamentos da seguinte maneira: “O universo é consumido periodicamente pelo fogo que o engendrou, e renasce de suas cinzas para reviver a mesma história. Uma vez mais as diversas partículas seminais combinam-se, uma vez mais emprestam uma forma às pedras, às árvores e aos homens — e até às virtudes e aos dias, pois para os gregos não existe substantivo sem alguma substância. Uma vez mais cada espada e cada herói, uma vez mais cada minuciosa noite de insônia”.

(*) Em francês no original. (N. T.)